

SINAIS DE CENA III.2  
DEZEMBRO DE 2023



**A LIBERDADE ERA AZUL**  
**MOVIMENTOS VITAIS EM NÓMADAS**  
**RAFAEL MASOTTI**

**NÓMADAS**A PARTIR DO CONTO *BIEGUNI*, DE OLGA TOKARCZUK

DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO: João Neca

ATRIZES: Ana Lúcia Palminha, Rita Brito

CENOGRAFIA: Rui Francisco

DESENHO VÍDEO E TECNOLOGIA: Elena Tilli

FIGURINOS E ADEREÇOS: Catarina Fernandes

ROBÓTICA: Carlos Carreto

MÚSICA E DESENHO DE SOM: Nico Yurgaki

DESENHO DE LUZ: Rita Louzeiro e João Neca

ASSISTÊNCIA À DIREÇÃO ARTÍSTICA: Raul Atalaia

APOIO À CORPORALIDADE: Catarina Câmara

INVESTIGAÇÃO: Nuno Atalaia

PRODUÇÃO: Diana Martins

CRIAÇÃO: Teatro O Bando no âmbito do projecto europeu PLAY ON

PARCERIA: Instituto Politécnico da Guarda, Cistifellea e Associação Crescer

LOCAL E DATA DE ESTREIA: Teatro O Bando (Estrada Vale dos Barris, PALMELA),

13 de abril de 2023

*Abençoado seja todo aquele que caminha.* De ares bíblicos, a frase constante em *Bieguni*, de Olga Tokarczuk, condensa a essência desejanse e fluida de *Nómadas*, espetáculo com direção e dramaturgia do jovem João Neca. O conto da escritora polaca, vencedora do prêmio Nobel, é o ponto de partida deste novo trabalho do Teatro O Bando. Com prestigiada atuação desde a Revolução dos Cravos (1974), sob a direção artística de João Brites, a cooperativa cultural instalou-se nos anos 2000 em uma quinta em Palmela, afastando-se do ambiente frequentemente desvairado das cidades.

Na calma da vida campesina, há no processo criativo do grupo aparente predileção por uma existência simples. Apesar de suas afamadas Máquinas de Cena, o contexto pueril contribui, suspeito, para diminuir no público expectativas acerca de recursos técnicos mais avançados. No entanto, se essa marca rústica também forma o DNA do Teatro O Bando, *Nómadas* poderá surpreender (ou desapontar?) um espectador ávido por escapar do aparato tecnológico recorrente nas artes da cena contemporânea, visto que robôs equipados com câmara digital e raio laser – além de projeções em tempo real – dividem o palco com as talentosas Ana Lúcia Palminha e Rita Brito.

Tal fato não poderia ser diferente, já que se trata de uma montagem inserida no âmbito do projeto europeu PLAY ON, cuja premissa é justamente contar histórias por meio de tecnologia imersiva. O embate entre mundos em suposta oposição (o natural da fazenda e o artificial da tecnologia) integra um jogo de dualidades que se desdobra em outros mais: Neca, em entrevista antes da estreia, por exemplo, já havia nos relatado que o *leitmotiv* da peça, o seu fio condutor, é a máxima proposta por Zygmunt Bauman em relação à segurança e à liberdade dos indivíduos, isto é, *segurança sem liberdade é escravidão; liberdade sem segurança é o completo caos.*

Após o toque dos três sinais clássicos do teatro, os espectadores são conduzidos a mirar um ponto fixo antes de entrar na caixa preta do teatro, momento em que registram em fotografia nossos semblantes curiosos; em momento posterior, num jogo similar aos dispositivos de vigilância que armazenam dados sensíveis por toda parte, vemos-nos expostos e multiplicados, ao sermos projetados nas laterais em paredes de azulejo branco que constituem o cenário. Composta ainda de arquivos de ferro com grandes gavetas, a cenografia arquitetada revela-se tanto cenicamente funcional quanto alegórica de vidas ora espetacularmente exibidas ora encerradas em instituições e regras.

A cena inicial emerge da escuridão. A voz de Annuszka é ouvida no breu das luzes apagadas, remetendo à abertura do conto: “À noite, o inferno ergue-se sobre o mundo.” Os dramas na peça, entretanto, se contêm os conflitos da protagonista, parecem ganhar relevos um tanto mais suaves (haja em vista os usos do vermelho e do azul) que os fragmentos literários de referência, nos quais predomina a matiz da distopia. É verdade que a seita de Galina aponta igualmente para alguma salvação (o movimento, considerado sagrado), sem a qual não há meio de se livrar da grande máquina do mundo. Em Tokarczuk, porém, o limbo existencial vivido pela personagem principal, que procura com afinco um lugar para chorar, nos faz esquecer dessa brecha mítica indicada no título e retomada no final. Neca sublinha este hipotético escape no desenrolar da dramaturgia.

Annuszka, absorta em uma conjuntura existencial sufocante, age como um autômato na missão cotidiana de cuidar do filho doente e de manter o casamento tedioso com um militar aposentado de guerra. Um único dia de descanso na semana é o alívio que tem a seu dispor, quando a sogra assume seu posto em casa... Embalada por um movimento de pulsão de vida, entrega-se às linhas e estações do

metrô, que fazem a vez das idas e vindas de um universo complexo, repetitivo, medonho. De vida nômada, a excêntrica Galina, a quem encontra rogando pragas na saída de uma das estações, representa o oposto de uma tal existência, de forma a inspirá-la a abdicar dos privilégios que supostamente tem, o que não sabemos se/quando terá coragem de fazer.

*Nômadás* representa a história de Annuszka com apenas duas atrizes; suprime, assim, personagens da narrativa e/ou apresenta-os com soluções cênicas: é o caso do filho que aparece nos braços da mãe de forma metafórica como uma espécie de tapete enrolado e desenrolado com dificuldade por ela mesma. Identifica-se, nesse sentido, uma concisão das linhas gerais da narrativa, concentrando os pilares da trama nas duas figuras centrais. É de se notar que os robôs, externos ao conto, funcionam como entidades paralelas neste cosmo (de realidade e ficção) em ebulição, onde se dedicam a monitorar cada gesto executado. Embora não desempenhem aparentemente um papel específico, talvez desafiem a compreensão de quem porventura procure correlacioná-los ao enredo.

Desde o começo, o público, convidado a vivenciar mais de perto a história (ou a manter-se mais distante, como preferir), a andar com Annuszka e com Galina pelo palco-cidade, a responder a questionamentos lançados na ribalta (“O que você faz com os seus pés?”), torna-se a um só tempo objeto e sujeito dessas histórias. Assim é o que parece querer *Nômadás*, ao menos. Nesse emaranhado, destacam-se recortes de luz que favorecem o projeto estético-visual do espetáculo e promovem um enquadramento mais intimista a alguns trechos dos diálogos travados, ainda que esta interação público-plateia tenha ocorrido, o mais das vezes, sem tanto entusiasmo ou impacto cênico.

O vermelho sólido do figurino confere alguma altivez à trajetória decadente de Annuszka, concebida sem exageros, acertadamente, com voz e corpo angustiados pela atriz Ana Lúcia; Galina, a mulher misteriosa do texto literário, cobre-se de tecidos de tonalidade azul, manipulando uns tantos sapatos, em atuação segura, repleta de gestos bem desenhados por Rita Brito. Gosto de pensar que a liberdade vista em *Nómadas* é azul, assim como – guardadas as diferenças – no filme *A liberdade é azul* do também polonês (mais um!) Kieślowski. Seja como for, há uma nesga de otimismo na encenação d'O Bando, ou seja, qualquer desejo de acreditar que haverá saídas.

Também quero acreditar que sim. Mais saídas a uns que a outros, claro. Então, é preciso, no mínimo, ousar perguntar: Quem pode ir? Como pode ir? Onde pode ir? André Lepecki (2020), ao discorrer sobre a noção de movimento na pandemia, afirma que é necessário movimentar-se com cuidado: há uma (necro)política que obriga todos a ir, a realizar uma determinada coreografia social, mas que vigia atentamente os movimentos que fazemos; sem se importar de fato com a vida, não poupará aos mais vulneráveis diante de um passo em falso. O *Black Lives Matter*, nos Estados Unidos, ilustraria um exemplo de movimento possível aos marginalizados, o movimento coletivo.

O Bando, exemplo de (movimento) coletivo que se mantém unido há quase cinco décadas, resolveu nos contar *Bieguni* explorando recursos que desconhecia. Como vimos, não lhes falta o gosto pelas incertezas, pelos riscos. Tomando os devidos cuidados, eles sabem que é vital não parar... Apesar de realizarem espetáculos debaixo de uma oliveira, ou correndo pelas montanhas, sem efeitos técnicos chamativos, o que os impede de, por outro lado, valerem-se deles quando estão disponíveis? Não pretendem acomodar-se em espaços já conquistados, reconhecidos. Abençoados sejam os que se arriscam.

Empresto, mais uma vez, o pensamento de Lepecki para concluir que será mais prudente a Annuszka e a Galina (e a nós também) movimentarem-se em conjunto, *em bando*. Haverá, portanto, mais possibilidades de se resistir a políticas públicas que enredam a população em sistemas de vigilância de identidades e cerceamento de liberdades. Quem sabe, assim, possamos ter mais garantias de sermos, na medida dos anseios de cada um, *Nómadas* e/ou habitantes de quaisquer fronteiras. ✨

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEPECKI, André (2020), *Movimento na pausa*, Trad. Ana Luiza Braga. Revista *Contactos*. Disponível em: <https://contactos.tome.press/movimento-na-pausa/?lang=pt-br> Acesso em: outubro de 2023.

TOKARCZUK, Olga (2007 [2019]), "Bieguni", in *Viagens*. Trad. Teresa Fernandes Swiatkiewicz. Amadora, Cavalo de Ferro.

